

Nota de Abertura

*Mais um número da **Territorium** vem a lume. Referente ao ano 2000, ele traz-nos artigos que resultam de um aprofundamento de comunicações apresentadas no VI Encontro sobre Riscos Naturais realizado em Coimbra em finais de 1999.*

Os riscos vulcânicos não se colocam no território continental português. No entanto, todos nos lembramos da erupção dos Capelinhos, no Faial, em 1957/58, tal como ouvimos falar do funcionamento do vulcão oceânico da Serreta, ao largo da ilha Terceira, em 1999 e mesmo no início de 2000. As manifestações de riscos vulcânicos acontecem, por vezes, em algumas ilhas atlânticas. E não só nos Açores. Na ilha do Fogo (Cabo Verde) havia a memória de uma importante erupção vulcânica em 1951 e logo em 1995 se verificou outra. Alberto Mota Gomes, geólogo formado em Coimbra nos finais dos anos 60, estava lá com um grupo de alunos quando a erupção de 1995 se iniciou. O registo científico e a vivência do conjunto de fenómenos que constituíram essa crise estão na base do interessante trabalho que agora se publica.

Muito mais recente foi o susto vivido por milhares de banhistas que se encontravam no Algarve em Agosto de 1999, quando alguém se lembrou de interpretar como “tsunamis” ou “raz de marée” uma linha paralela ao horizonte muito próxima do nível do mar que se via das praias. O aviso foi lançado e enquanto uns fugiam, outros aproximavam-se para ver... Antunes do Carmo, engenheiro civil e professor da Universidade de Coimbra, vem-nos dizer o que é na realidade um “tsunamis” e explicar, assim, os motivos por que aquele fenómeno nunca o poderia ser.

*Os riscos de erosão dos solos põem-se um pouco por toda a parte na Bacia Mediterrânea. Três geógrafos colaboram neste número da **Territorium** com trabalhos sobre o tema. O Alentejo tem sido, em certos locais, considerado em risco de desertificação. Maria José Roxo, professora da Universidade Nova de Lisboa, debruça-se sobre a relação entre cultura do trigo e degradação de solos. Celeste Coelho, professora do Departamento de Ambiente e Ordenamento da Universidade de Aveiro, trata da desertificação no Norte de África. Numa perspectiva semelhante, Raimundo Quintal, vereador do pelouro do Ambiente na Câmara Municipal do Funchal, apresenta um trabalho sobre o Parque Ecológico da sua cidade,*

mostrando como se tem trabalhado para prevenir cheias e incêndios florestais, o que está indubitavelmente relacionado com a problemática da erosão dos solos.

Os incêndios florestais continuam, todavia, como tema científico recorrente no nosso país. Não é fácil acabar-se com eles. Mas é fundamental conhecerem-se as suas origens para se poder trabalhar na sua prevenção. Até porque quando se passa de uma situação de perigo (fogueira ou pequena queimada) para uma situação de crise (incêndio incontrolado) o combate é sempre uma tarefa complexa que nunca se sabe quando e como vai terminar. O ideal é gerir o risco prevenindo situações de perigo. E nada melhor para

isso do que conhecer bem as origens dos grandes fogos. O trabalho de Adélia Nunes, geógrafa e assistente da Universidade de Coimbra, desenvolve-se nessa área, embora para já seja apenas uma pequena amostra do estudo que está a concluir.

*Para além dos artigos, a **Territorium** continua a oferecer recensões de livros publicados sobre riscos e gestão de riscos, que vão chegando ao nosso conhecimento e que merecem referência. E, nesse aspecto, os anos de 1998 e de 1999 trouxeram-nos alguns bem importantes*

Fernando Rebelo